



O PAPEL DAS COOPERATIVAS PARA O FORTALECIMENTO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

CERVELIN, Carina Mattos¹

CUNHA, Francisco Estevan Guerra da²

¹Acadêmica do curso de Administração da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

²Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

Ao considerar a importância do agronegócio brasileiro para a economia nacional, surgem questionamentos de como agregar valor ao setor e de como os produtores podem se fortalecer, diante de tantas dificuldades que o mercado impõe. Uma sugestão de fortalecimento para os produtores rurais é o cooperativismo. O presente artigo tem como objetivos: discutir a relevância das cooperativas para o agronegócio brasileiro, encontrar quais são as dificuldades dos produtores rurais e conhecer os benefícios da participação em cooperativas. A pesquisa é caracterizada como bibliográfica, com revisão de artigos, livros e sites acerca do tema. Os produtores rurais que fazem parte de cooperativas garantem mais renda, diminuem os custos em todo o processo de produção, conseguem apoio técnico e financeiro. Portanto as cooperativas visam satisfazer as necessidades dos cooperados, resolvendo problemas, dando suporte técnico e viabilizando crédito aos produtores.

Palavras-chaves: Agronegócio, Cooperativas, Cooperativismo; Produtor rural

ABSTRACT

When considering the importance of agribusiness to the national economy, there are questions of how to add value to the industry and how producers can be strengthened in the face of so many difficulties that the market imposes. A strengthening suggestion for farmers is the cooperative. This article aims to: discuss the relevance of cooperatives to Brazilian agribusiness, find what the difficulties of farmers are and know the benefits of participation in cooperatives. The research is characterized as literature, with review articles, books and websites on the subject. Farmers who belong to cooperatives provide more income, lower costs throughout the production process, manage technical and financial support. Therefore cooperatives aim to meet the needs of members, solving problems, providing technical support and allowing credit to producers.

Keywords: Agribusiness, Cooperatives, Cooperative farmers



1. INTRODUÇÃO

No Brasil o cooperativismo começou a surgir no final do século XIX. A primeira cooperativa foi criada na área urbana de Minas Gerais em 1889, por funcionários públicos. As cooperativas do meio rural surgiram a partir de 1906, formadas na grande maioria por imigrantes europeus (OCB, 2015). O cooperativismo tem sete princípios: adesão voluntária e livre; gestão democrática e livre; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade (MAPA, 2015).

O cooperativismo segundo Gawlak (2007) significa a cooperação mútua de pessoas, que visam se ajudar e conseguir alcançar objetivos em comum, com a necessidade de troca de informações, tecnologias e conhecimento entre seus membros, para que juntos consigam se fortalecer e alcançar o sucesso.

A acirrada concorrência mercadológica faz com que os pequenos e médios produtores rurais possam encontrar dificuldades em realizar pequenas atividades decorrentes da produção. Esses, em grande maioria, não conseguem receber apoio do governo, buscando assim, alternativas para conseguir se fortalecer no mercado. As cooperativas são consideradas como a fonte de escape e fortalecimento de grupos menores de produtores rurais, que juntos conseguem maior poder de decisão no mercado, de organização e de tomada de decisão.

No final do século XX, a agricultura brasileira sofreu grandes mudanças, principalmente pelo pouco apoio do governo, subsidiando suas produções. A alternativa que restava aos produtores, para conseguir competir com mercados internacionais, era adotar a tecnologia e formas de gerenciamento da produção.

Sendo o agronegócio de extrema importância para a economia nacional, representando cerca de 23 % de todo o Produto Interno Bruto (PIB) em 2014, o governo começou a apoiar o setor a partir de 2003, diminuindo burocracias, a fim de minimizar as dificuldades, visando beneficiar as milhares de pessoas que estão envolvidas em todo o processo “e assim, num claro reconhecimento do papel das cooperativas para a redução da pobreza, geração de trabalho, emprego e renda e



integração social, e ainda destacando a contribuição destas para o desenvolvimento econômico, social e ambiental” (MAPA, 2015).

Decorrente deste contexto levante-se a seguinte questão: quais são as dificuldades de crescimento no agronegócio brasileiro? A partir deste questionamento são levantadas as seguintes hipóteses: má gestão das propriedades rurais, falta de utilização de técnicas agrícolas, falta de tecnologia e condições de financiamentos da produção. Portanto define-se como objetivo geral deste trabalho conhecer qual é o papel das cooperativas para o fortalecimento do agronegócio brasileiro. Como objetivos específicos definem-se encontrar quais são as dificuldades dos produtores rurais e conhecer os benefícios da participação em cooperativas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O agronegócio é de extrema importância para a economia brasileira, o setor é um grande gerador de renda e empregos. O país é o terceiro maior exportador mundial de produtos agrícolas, isso acontece devido aos fatores naturais favoráveis, aumento da demanda mundial, principalmente asiática, o uso da tecnologia, o apoio do governo em financiamentos de safras, a inovação e pesquisas. Esses fatores aliados ao empreendedorismo dos produtores garante uma ampliação da produção brasileira, estimulando o crescimento e desenvolvimento do Brasil (ASSAD, MARTINS; PINTO, 2015).

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2015) o agronegócio representou em 2014, em torno de 22% a 23% do total do PIB nacional, cerca de R\$: 1,1 trilhão. Ano após ano, o setor agropecuário vem batendo recordes na colheita de grãos, a previsão para o ano de 2015 é de 202 milhões de toneladas, um aumento de 4,2% em relação ao ano passado.

Segundo Jank e Galan (2003 apud REAME, 2008) o agronegócio se transformou na base da balança comercial brasileira, principalmente nos últimos anos de crise mundial.



Segundo Campos (1998) devido às mudanças econômicas que o país enfrentou durante as décadas de 80 e 90, a agricultura brasileira por uma transição, gerando dois grupos rurais, os que sobreviveram à crise e os que perderam tudo. Os agricultores que conseguiram passar pela crise ainda enfrentariam a competição com os grandes agricultores, que acabou gerando a maior revolução da agricultura brasileira.

A revolução foi caracterizada pela inserção da tecnologia em todo o processo, desde os insumos até a colheita e pelo empreendedorismo dos produtores rurais, que passaram a gerenciar suas propriedades como se fossem empresas (CAMPOS, 1998).

Os pequenos e médios produtores rurais, isolados em suas propriedades, utilizando diversas técnicas diferentes, encontram dificuldades para se inserir ao mercado, principalmente devido à baixa produção e falta de apoio técnico e de recursos financeiros (FORNAZIER; WAQUIL, 2011).

Conforme Fornazier e Waquil (2011) os produtores rurais dispersos em várias regiões do país, produzindo e gerenciando suas produções de diferentes formas, não conseguem se fortalecer no mercado, pois a escala em que produzem é muita pequena. Identificando dificuldades em inserir-se no mercado pela quantidade produzida, pelo pouco acesso a assistência técnica. Os pequenos produtores podem ter dificuldade de inserir-se nos mercados, pois pela quantidade produzida, podem ter dificuldades de acessar serviços de assistência técnica, crédito, bem como o pagamento de auditorias para acompanhar os processos de certificação e rastreabilidade.

Segundo Moreira et al. (2012) a competitividade existente hoje no agronegócio, exige que os produtores rurais utilizem técnicas de planejamento e organização, desde a compra de insumos até a comercialização final dos produtos. “Por conta disso, os produtores rurais, sobretudo os menores, devem buscar associações, cooperativas, alianças ou outras formas de apoio para se fortalecerem e conseguirem exercer algum papel que seja efetivamente significativo”. (GUILHOTO; FURTUOSO; BARROS, 2000 apud MOREIRA et al., 2012).



De acordo com Kherallah e Kirsten (2002 apud FORNAZIER; WAQUIL, 2011) essas estruturas organizacionais auxiliam no processo de troca de informações, conhecimentos, tecnologias, sendo exemplos associações e cooperativas. Ganhando grande importância no mercado agrícola por fortalecer o setor, organizando os pequenos produtores de forma a atender as suas necessidades, e também as necessidades do mercado consumidor.

Neste momento de agregação de valor, as cooperativas tem papel fundamental, para os médios e principalmente pequenos produtores rurais, auxiliando-os em todas as etapas de produção. Com a necessidade de troca de informações, tecnologias e conhecimento entre seus membros, as unidades cooperativas garantem que todos seus cooperados cresçam e que ninguém desapareça. As cooperativas podem trazer grande progresso, desde que saibam se adaptar internamente e externamente as mudanças do mercado. Diferentemente do que aconteceria com produtores rurais não cooperados, que sozinhos tendem a reduzir suas margens de lucros (CAMPOS, 1998).

“E aqui está, sem dúvida alguma, o grande e clássico papel das cooperativas. A elas compete, nessa quadra de alto risco para os agricultores brasileiros, promover a verticalização da atividade produtiva, desde o suprimento dos insumos básicos até a comercialização da produção final, passando por planejamento, crédito, industrialização, embalagem, armazenagem, entre outras funções óbvias”. (CAMPOS, 1998, p. 6).

As cooperativas agropecuárias são encontradas em todo território nacional, é o segmento de maior expressão do cooperativismo, com os maiores números de cooperativas e cooperadores. Participando efetivamente das exportações, além de abastecer o mercado interno, prestando “um enorme leque de serviços – desde assistência técnica, armazenamento, industrialização e comercialização dos produtos, até a assistência social e educacional aos cooperados” (OCB, 2015).



As cooperativas podem ser caracterizadas como de compras, vendas ou mistas, participando de toda a cadeia produtiva. Utilizam em grande maioria tecnologia de última geração, praticando a comercialização de seus produtos com os melhores conceitos de marketing e administração. Essas atividades tem grande expressividade no PIB brasileiro, permanecendo como objetivo do setor, se mostrar cada vez mais forte e fundamental a economia nacional. O número de cooperativas agrícolas atuantes em 2015 é de 1.597, sendo cooperados 1.007.675 produtores rurais, que geram um total de 161.701 empregos diretos (OCB, 2015).



“O sistema cooperativista brasileiro pode ser uma grande alavanca para a popularização das boas práticas que resultam em alimentos seguros, levando-se em conta que o sucesso do processo está condicionado à mudança de comportamento de todos os elos da cadeia produtiva. Para essas organizações é delegado o dever de promover, fomentar e orientar os seus associados e, ao mesmo tempo, negociar com os outros elos da cadeia (fornecedores de insumos, agroindústrias, redes de distribuição), garantindo a justa remuneração aos produtores pelo processo de qualidade levado a cabo nas propriedades rurais, garantindo que as matérias-primas sejam processadas de forma a assegurar a continuidade do processo de certificação e que nos pontos de venda os produtos sejam cuidados da mesma forma”. (PORTOCARRERO, 2006 apud FORNAZIER; WAQUIL, 2011, p. 7).

Para os produtores rurais existem vantagens nesta forma de organização, garantindo mais renda, beneficiando toda a cadeia produtiva, facilitando principalmente o contato com as outras organizações envolvidas, aumentando suas estratégias de negociação, diminuindo o custo de transação de produtos, introdução da tecnologia, de apoio técnico agrícola e financeiro, e que ao final do período, se houver sobras, são distribuídas para os cooperados (BIALOSKORSKI NETO, 2010).

3. CONCLUSÕES

Os produtores rurais encontram dificuldades para agregar valor à produção, isso acontece devido a vários fatores que influenciam no processo. Os pequenos e médios produtores isolados não tem grande poder de compra e venda de produtos. Quando fazem parte de cooperativas, a união torna-los mais forte economicamente, o que garante uma série de benefícios, como no aumento da renda, no apoio de técnicas agrícolas e também financeiramente. Portanto as cooperativas visam satisfazer as necessidades dos cooperados, resolvendo problemas, dando suporte técnico e viabilizando crédito aos produtores.



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA
Rodovia Francisco Alves Negrão, km 285 – Bairro Pilão D'Água
Itapeva – SP – Brasil – CEP 18412-000



4. REFERÊNCIAS

ASSAD, E. D.; MARTINS, S. C.; PINTO, H. S. **Sustentabilidade no agronegócio brasileiro**. [s.d]. Disponível em: <<http://fbds.org.br/fbds/IMG/pdf/doc-553.pdf>>. Acesso em: 18 de setembro de 2015.

BIALOSKORSKI NETO, S. Agronegócio cooperativo. In: BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. 3ª ed. – 4ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2010, cap. 12, 711 – 734.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cooperativismo**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/cooperativismo-associativismo/cooperativismo>>. Acesso em: 18 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Produto interno bruto da agropecuária deve ser de R\$ 1,1 trilhão**. 29 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2014/12/produto-interno-bruto-da-agropecuaria-deve-ser-de-rs-1-trilhao>>. Acesso em: 18 set. 2015.

CAMPOS, G. L. R. de. **Cooperativismo agrário e integração econômica: a agricultura familiar no Mercosul**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FORNAZIER, A.; WAQUIL, P. D. A importância do cooperativismo na inserção de pequenos produtores nos mercados: o caso da produção de maçã na serra catarinense. In: COLÓQUIO: AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO RURAL, 3., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pgdr/eventos/2011/III_Coloquio/arquivos_oficinas/Fornazier.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

GAWLAK, F. R. A. **Cooperativismo: primeiras lições**. 3. ed. Brasília: SESCOOP, 2007. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/livrocoopprimeiraslicoes2010final.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

MOREIRA, V. R. et al. O cooperativismo e a gestão dos riscos de mercado: análise da fronteira de eficiência do agronegócio paranaense. **RESR**, Piracicaba, SP, ano 3, v. 50, n. 1, p. 51-68, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v50n1/a03v50n1.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2015.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **Evolução no Brasil: movimento livre da influência do Estado**. Disponível em: <http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp>. Acesso em: 18 set. 2015.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **História: nascimento de uma grande ideia**. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/historia.asp>>. Acesso em: 18 set. 2015.



REAME, G. H. O cooperativismo e sua tendência ao capitalismo: o caso da cooperativa Itambé: um estudo preliminar. **Interface tecnológica**, [S.l.], v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/arquivos/volume5/artigo08.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2015.
